



Ana Ribeiro
CEHUM-Universidade do Minho

Montes pintados ou o que não se vê quando se olha

relações pessoais e profissionais deste autor que frequentemente se autorrepresenta como um eremita. O título é o primeiro dos atrativos deste volume. Remete, como é frequente em João de Araújo Correia, para um espaço concreto, do qual a paisagem é uma sinédoque. Neste caso específico, e de acordo com a explicação que o contista fornece na nota de abertura, ele traduz o deslumbramento de uma menina estrangeira quando esteve no Douro, em 1948, como refugiada, menina essa que nunca esqueceu esta experiência, como se percebe pelo seu testemunho no final do volume. O título encerra, portanto, uma apreciação estética inócua de alguém estranho sobre aquilo que se oferece ao seu olhar.

Depois de em 1962 ter publicado um livro de crónicas com o sugestivo título *Manta de farrapos*, João de Araújo Correia volta ao convívio dos seus leitores dois anos depois com *Montes pintados*. Regressa assim ao conto, género em que é mestre e cuja última amostra tinha sido *Folhas de xisto* (1959). Nesta altura, o escritor contava com 65 anos e era um autor de créditos firmados no panorama literário português, a publicar há 26 anos. Disto mesmo nos dão conta as dedicatórias que acompanham todas as narrativas incluídas na obra. Entre os dedicatários contam-se personalidades como Óscar Lopes, Fidelino de Figueiredo, Paulo Quintela ou Adelaide Estrada.

São alguns pontos do mapa das

Na mesma nota de abertura, o métrico-escritor esclarece que foi nessa “terra extraordinária em que os montes, ao despedir da colheita, se preparam melancolicamente para a morte com paramentos ricos” que escreveu os seus contos. Serão os montes pintados apenas o colorido berço das quinze narrativas reunidas no volume? A resposta chega pela voz do próprio escritor, em *Palavras fora da boca* (1972:187): “Escolhi esse título como quem escolhe uma capa de seda multicolor para cobrir uma tragédia humilde”. Há, pois, uma complementaridade entre o título e o recheio do livro: se o primeiro, na sua brevidade, fornece um poético retrato do festival de cor que o Douro é no outono, os contos iluminam a realidade

humana que escapa a um olhar exterior, cativo da beleza paisagística. O narrador de "O regresso" alude a esta divisão, destacando o contraste entre ambas, desfavorável aos habitantes: "a terra é a mesma, o mesmo sol, as mesmas vinhas, lá está o Marão a espreitar, mas, a alma da terra já não é a mesma. A alma, isto é, a gente." (30).

Ao iniciar a leitura de "Morte de homem", o leitor é surpreendido pela expressão lapidar deste mesmo conto: "Eram ambos naturais de uma formosa aldeia em que os homens pobres, os cavadores da vinha, se matam uns aos outros com facilidade." (17). Não há, no entanto, qualquer intenção condenatória por parte do autor, o qual, apesar de encontrar nos seus contos "mais velhacaria que lisu-ra" (1972: 188), compreende as razões da sua maneira de ser: "Mas, absolve-a, porque atribui à infelicidade essa velhacaria" (*ibidem*). A estes contos aplica-se, pois, a apreciação que o narrador de "Só" faz sobre as publicações do escritor que elegeu para destinatário da sua confissão: "Cada obra sua é uma sondagem no coração humano. Mas, sondagem condoída, embora o não pareça." (53).

Estas "sondagel[is] no coração humano" organizam-se em torno de vários núcleos. Um deles é o das obsessões, onde se destaca a obsessão pelo dinheiro. "O homem que queimou o dinheiro" ou Eufrásia, a amante do padre de "Nossa Senhora da Terra", dedicam-se

a amealhar dinheiro sofregamente, até à desumanização. Na mesma linha, o medo de perderem a herança para a madasta leva os filhos do moribundo de "Carta de óbito" a assassinar o pai. No polo oposto, porque a humanidade é complexa e diversificada, estão os perdulários, como os fidalgos de "O regresso" e de "O fundo do poço". O mesmo sucede com o protagonista de "Insonia", que, embora de origem popular, não descansa enquanto não delapida a herança que o pai avarento lhe deixou, vivendo na penúria, na companhia da sovina Ceguinha.

Os amores infelizes são outro *leitmotiv* desta obra, representando "Feitiço" o caso extremo de um casal que se suicida porque a esposa, apaixonada pelo tio do marido, não corresponde ao amor do cônjuge. Como neste caso, os males de amor em *Montes pintados* são sempre responsabilidade da mulher, a qual apenas neste conto se imola, pois, em "Só" e "Nossa Senhora da Terra", as personagens femininas são escandalosamente adúlteras. O donjuanismo de certos galãs não é alheio a alguns destes entredos, como sucede não só em "Feitiço", mas também em "O Diabo atrás da árvore" ou "Só".

Embora também ele perdulário e vítima da volubildade feminina, o Dr. Moor de "O amigo do povo" representa o médico que decide dedicar a sua vida à vida dos mais desfavorecidos, mas que em troca recebe a ingratitude daqueles a quem se entregou. O

clínico de "Carta de óbito" é bem diferente, pois, apesar de saber que foi a ambição dos filhos que condenou o seu cliente à morte, acaba por passar a certidão de óbito, considerando que "Não valia a pena lutar, no fim da vida, com a ruindade humana. Considerou-a inelutável. Acendeu um charuto e fumou-o até o fim. Delicioso havano..." (36). A encerrar o conto, estas palavras deixam o leitor a pensar na cobardia, na ética médica e no destino da humanidade quando até aqueles que têm a tarefa de salvar vidas pactuam com a maldade humana. Ela está bem presente noutros contos onde a morte não é natural, mas resulta de um atentado consciente contra a vida de outrem por questões de honra ou de preservação da imagem pessoal. É assim em "Morte de homem", onde dois irmãos assassina um vizinho por suspeitarem terem sido insultados por ele. O final guarda ainda uma surpresa sobre o caráter dos *Fadistas*, nome que, tal como o de Eva, em "Feitiço", ou Silvério Silvestre, em "A árvore de Judas", não é gratuito. Do mesmo modo, em "O fundo do poço", o homicídio do donjuanesco fidalgo da Eira terá sido o desagravo escolhido por algum marido traído.

Por fim, a fidelidade ao espaço de origem é o que irmana "A árvore de Judas" e "O regresso". Em ambos os contos, o sonho que os protagonistas acalentam de voltar à sua aldeia se vê comprometido, no primeiro caso, pelo casamento com uma mulher que não dispensa os

hábitos urbanos, e, no segundo, curiosamente, pelas mudanças que o mundo rural sofreu enquanto um fidalgo arruinado recompunha as suas finanças no Brasil.

Ao contrário do mal-casado Silvério Silvestre e do fidalgo de torna-viagem, Manuel do Mundo, protagonista do conto homónimo, não se cansa de vaguear pelo globo, satisfeito com o que vê, tão diferente da sua terra, onde regressa para recuperar energias graças ao zelo da mãe e da irmã. É um desenraizado só detido pela morte.

Amores, traições, ingratidão, mortes, frustrações ou "ambição desmedida" não são monopólio da paisagem humana de *Montes pintados*, a qual não é, por isso, essencialmente diferente das outras geografias, donde a natureza universal destas narrativas. Porém, elas encontram-se expressas numa linguagem vívida e límpida, a que fraseologias como "Alguma coisa é toicinho" (60), provérbios vários, alcunhas e registos da pronúncia popular conferem uma coloração própria ao narrado, aumentando o quilate destas preciosas miniaturas sabiamente talhadas por João de Araújo Correia.